GUSTAVO BARROSO, ESCRITOR MILITAR

Denizard Macedo

O nosso ilustre conterrâneo Gustavo Barroso vê a passagem nesse ano da graça de 1958 do seu septuagésimo aniversário, cheio de vida e de espírito, mercê de Deus, porque poucos cearenses souberam tão alto elevar o nome de sua terra e da sua gente como esse patrício que, distante da sua província, continua a amá-la enternecida e comoventemente, nessa época de desamor e desapego às coisas que nobilitam o berço e a grei a que temos a ventura de pertencer.

A vida e a obra do historiador e escritor alencarino estão repassadas de um largo sopro cearense, trazendo-nos o perfume agreste das praias e várzeas, dos sertões e serras da gleba natal, ou a vivida saudade do seu povo e dos seus costumes e tradições, constituindo esse sadio e autêntico regionalismo um traço marcante da sua produção intelectual, inteiramente impregnada do Ceará em tudo por tudo.

Não o regionalismo que divide a Pátria comum ou o separatismo malsão, o que há de mais antagônico ao espírito e à literatura do Gustavo, mas aquele que, "em vez de vir comprometendo a idéia ou o sentimento de unidade nacional, ao contrário, vem concorrendo para dar a essa idéia ou sentimento melhores fundamentos" na lição de Gilberto Freire. Lembramo-nos que o nacionalismo de Mistral, Maurras e Barrés, três cumiadas do patriotismo francês, ganhavam em força e expressão pelo entranhado apego à Provença ou à Lorena.

Observa Tristão de Ataíde, tratando de Machado de Assis, que uma obra pode ser "extremamente local e extremamente universal", ou como informa Jerzy Zbrozek sobre Mickiewicz, nele "batia o coração do Mundo", mas por tudo que o prendia à Pátria e à Nação, essa mesma Nação de Mickiewcz censura o desprezo em Lamennais, no liberalismo e no socialismo. É que uma obra pode atingir o universal pelo nacional, assim também o nacional poderá ser atingido pelo regional, pois o sentimento amoroso da comunidade e da província conduzem seguramente ao verdadeiro nacionalismo, cultural e tradicionalista, humano e renovador, que não se confunde com as caricaturas que por aí andam, mascarando ideologias suspeitas e antinacionais.

O saudável regionalismo encontrado em Gustavo Barroso fronteira com outro traço relevante de sua obra literária e histórica, a sua profunda e arraigada brasilidade, o estremecido e entranhado sentimento por tudo que é autenticamente brasileiro, lidimamente nosso, realidade tão viva no seu pensar que o conduz à comovida estima do berço do Brasil por sua fervorosa admiração ao velho Portugal e às terras hispânicas.

Os que o lêem, ao dobrar de cada página, sentem o perpassar vigoroso e belo de uma alta substância brasílica, do doce perfume que se evola das coisas pátrias, no seu passado glorioso e exemplar, a lição magnífica de civismo ímpar. É isto que explica em Gustavo Barroso a essência dos seus escritos, o conteúdo das suas páginas históricas, a sua vida política e a sua condição de guardião de uma larga parcela do patrimônio histórico brasileiro, como Diretor do Museu Histórico Nacional, seu fundador também, pois que dele partiu a sua iniciativa legal.

Devo-lhe, e confesso que o momento é propício para esse testemunho, muito da minha formação intelectual e cívica, bebida em seus livros, quando na escola primária, como adolescente ginasiano, na mocidade e nessa maturidade que já descamba para o outro aclive da vida, especialmente o sentido carinho pelas nossas tradições e o gosto pelos assuntos militares da nossa História, que terminaram por me fazer um singelo repetidor de aulas sobre as coisas do Brasil.

A rajada nacionalista, o largo e saudável sopro de brasilidade encontrado no Mestre Gustavo, cristalizam-se na sua forma mais nobre e elevada, o culto à tradição e às glórias militares do Brasil, que nos faz recordar o Alfred de Vigny de Grandeaur et servitude militaires, como tantos outros mestres da literatura castrense.

Nesse plano é singular entre os escritores civis do nosso tempo a produção literária do nosso coestaduano. Ela permite ombreá-lo com os melhores parceiros que temos tido no gênero, a saber o Visconde de Taunay e o Barão do Rio Branco, modelares no estilo e ricos no colorido, constituindo a trindade dos nossos melhores escritores militares, daqueles que fizeram girar as suas letras ao redor das armas.

É certo que não é apenas o escritor, o artista da palavra explorando os temas da militança, mas há também o historiador militar, que trabalhou em profundidade, esse rico filão do nosso passado, continuando a seqüência dos historiadores militares, iniciada em 1762 pelo Tenente-Coronel José de Mirales, continuada modernamente por civis como Rio Branco ou Gustavo Barroso, militares como Sousa Doca, Mário Barreto e Tasso Fragoso, Dionísio Cerqueira e Paula Cidade.

O gênero militar, quer histórico ou literário, tem proporcionado obras de valor à humanidade, como essa formosa biografia de Turenne, escrita pelo General Weygand, mas não constitui domínio privado dos profissionais, vedado ao estudioso civil. A essa possível objeção, Gustavo Barroso responde em 1930

que "seria fazer da técnica militar uma muralha da China para os paisanos, intransponível, esquecendo que as melhores obras sobre as campanhas napoleônicas de 1806, 1814 e 1815 são dum civil, Henri Houssaye, para não citar outros, às dezenas". Poderia, acrescente-se, citar o espantoso caso de Jomini, que de mero paisano diletante em assunto de guerra, teve o seu ingresso por isto nos exércitos de Napoleão, morrendo como general russo e com a reputação de um dos mais brilhantes teóricos da ciência da guerra, que só encontra rival no prussiano Clausewitz, no século XIX.

As tendências literárias, para o tema militar devem ser buscadas nos albores da sua formação familiar e espiritual, naquela Fortaleza do começo do século XX que ele evoca nas suas *Memórias*, abrangendo *Coração de Menino, Liceu do Ceará* e *Consulado da China,* tão repassados de saudade, tão humanos no seu conteúdo e tão leves e agradáveis na sua leitura deliciosa.

O ambiente doméstico favorecia as aspirações e o gosto pelas coisas militares. As "Memórias" testemunham em múltiplas oportunidades o desejo de seguir a carreira das armas, de preferência o oficialato naval, esperança frustrada por circunstâncias várias, inclusive a oposição familiar que, fiel ao nosso tradicional bacharelismo, julgava mais consentâneo ao rebento o canudo e o anel de uma graduação universitária.

Em casa, o pai do escritor fora oficial da Guarda Nacional e reformara-se como Coronel da Polícia, comandando-a em algum tempo. As reminiscências avoengas conduziam aos antepassados, todos oficiais das Milícias ou das Ordenanças coloniais, ou da Guarda Nacional do Império. O primo Francisco Seifert fora Voluntário da Pátria e prisioneiro na Guerra do Paraguai, deixando uma narrativa dos seus sofrimentos nas prisões inimigas. A amizade do General Tibúrcio era carinhosamente guardada e lembrada nos serões familiares. A cidade conservava muito próxima a lembrança dos turbulentos cadetes da primeira Escola Militar do Ceará, avivando a fantasia da infância.

O ambiente social de Fortaleza, ainda no começo dessa centúria, estava imbuído de gloriosas recordações militares, pela presença de quantos veteranos da Guerra do Paraguai, "de que me falavam desde que abrira os olhos para o mundo, imensa tragédia cujos personagens ainda se moviam na minha presença, personagens humildes, letras miúdas dos gloriosos capítulos, cujas maiúsculas haviam sido Caxias e Osório, Tamandaré e Pôrto Alegre, Barroso e Inhaúma, Sampaio e Tibúrcio" *Coração de Menino* — pág. 34).

O padrinho de batismo do escritor, a quem muito se ligara por amizade e estima foi o Capitão Leal de Miranda, veterano do Paraguai, ferido em Itororó, condecorado com as Ordens Imperiais de Cristo, do Cruzeiro da Rosa, por serviços de guerra, que lhe enchia "os ouvidos de episódios da luta em que tomara parte".

As narrativas da campanha gloriosa chegavam ao menino pelo depoimento vivo dos velhos soldados, como o Major Viana, que comandara a nossa Polícia na segunda batalha de Tuiuti. "Senta-me uma vez por outra sobre os joelhos,

curva para mim a cabeça branca e conta-me episódios em que sempre figura o vulto do Conde de Porto Alegre com seu uniforme alcachofrado de ouro", narrará o escritor quase meio século após. O guarda nacional Teodoro Nunes é outro que lhe evoca a campanha heróica em desenhos a lápis, despertando-lhe o gosto pela pintura militar, manifestando mais tarde pela admiração a Horácio Vernet, Meisonier, o Barão Gross, "todos quantos haviam fixado em grandes telas históricas os brilhantes uniformes dos vencedores da Europa". Por essas e outras razões é que Gustavo Barroso pôde escrever que na infância sua vida fora "povoada de recordações militares".

A contextura das origens espirituais e familiares, do clima social, forneceriam os elementos para o aparecimento do escritor militar, cujas obras nesse terreno enchem um vasto capítulo da nossa história literária. Além dos trabalhos esparsos, como alguns contos em *A Ronda dos Séculos,* aí estão *Tradições Militares,* volume esgotado, única das suas obras no gênero que não tive o prazer de ler; a preconizada bibliografia dos *Uniformes do Exército,* em colaboração com J. Washt Rodrigues; a excelente *História Militar do Brasil,* na Série Brasiliana; os volumes sobre as guerras do Lopez, do Flores, do Rosas, do Vidéu, do Artigas, episódios das nossas campanhas platinas: a tradução do *Liautey,* de André Maurois; as páginas polêmicas de *O Brasil* em face do Prata, vigorosa e erudita réplica aos nossos adversários extrafronteira e aos incautos positivistas que remanesciam dos primórdios republicanos; e, sobretudo, o desvelado labor no Museu Histórico Nacional, que dele faz mais um museu militar que de caráter geral, além das magníficas e entusiásticas biografias de Osório e Tamandaré.

É de inteira justiça, pois, que o transcurso do 70º aniversário de Gustavo Barroso, inegavelmente a mais alta expressão viva da intelectualidade cearense, recordar os valorosos serviços prestados pelo escritor à causa relevante das nossas tradições militares, patrimônio sagrado do Brasil e das suas Forças Armadas.